

Comissão de Avaliação Externa (CAE) das Licenciaturas em  
*História*

RELATÓRIO FINAL

Avaliação da Licenciatura em *História* da Universidade Lusíada /  
Lisboa

1. **Saudação, Agradecimento** – Reza a canção que é Coimbra «uma lição». Neste caso, porém, viemos dois de nós de Coimbra, juntamente com os demais membros de uma das subcomissões da CAE, receber aqui uma *lição*, dado que tivemos ensejo de apreciar, aprendendo, o «espírito de corpo», o desejo de inovação e o relativo optimismo quanto ao futuro (patente em inúmeros projectos em vias de concretização) reinantes nesta Universidade, não obstante as nuvens negras que pairam sobre o Ensino Universitário em geral e sobre o Ensino Universitário Privado e Cooperativo em especial.

2. **O Relatório de Auto-Avaliação (RAA)** – É de louvar, desde já, o esforço da equipa que o apresentou: rigoroso, completo, exacto, cuidadoso, a dar uma eficaz imagem da própria Universidade.

Nem sempre, contudo, a circulação da informação foi a melhor, designadamente por parte das entidades promotoras da avaliação. É a primeira vez que U's privadas, como esta, que obedecem a mecanismos específicos, são submetidas a um processo avaliativo de licenciaturas; por isso, haveria que ter procedido a adequações que, afinal, não se chegaram a propor – e é pena.

Assim, no RAA, as fichas de docente e de disciplina poderão ser, eventualmente, revistas, tendo em conta os objectivos almejados. Nesse sentido, que se nos permita a sugestão de, se tal for entendido como conveniente, a subcomissão da CAE vir a receber, até 15 de Maio, versões reformuladas de tais fichas\*, de acordo com a troca de impressões havida com os elementos da Comissão de Auto-Avaliação, cujo empenho nos cumpre realçar. Em si, o RAA fornece muita informação «em bruto», e gostaríamos de ter visto um tratamento qualitativo dessa informação, ainda que, de um modo geral, as *Conclusões* se nos afigurem adequadas.

---

\* *Obs.:* Sugestão formulada nas Conclusões Provisórias, apresentadas no termo da Visita Institucional (2001/04/27), logo aceite e em devido tempo concretizada. De realçar também, pelo seu volume e rigor, os elementos complementares postos à disposição da CAE.

De resto, o *Guião* da própria visita carecerá futuramente de revisão, no que concerne, por exemplo, ao tempo disponível (sempre escasso) para visita às instalações (que não servem exclusivamente a licenciatura em *História*), para o encontro com os dirigentes estudantis, os estudantes e os funcionários, para um momento de tamanha importância como era a *Hora Aberta*. O tempo, afinal, tornou-se angusto para tantas iniciativas ver.

E já que falamos da visita em geral, seja-nos lícito sublinhar, desde já, dois dos aspectos que mais nos saltaram à vista:

- O primeiro diz respeito aos funcionários, que propõem uma definição de carreiras e/ou a equiparação às carreiras da Função Pública, de acordo com solicitações já feitas.
- Refere-se o segundo à *Hora Aberta*, em que tivemos ensejo de:
  - (a) auscultar responsáveis pelos Estágios (a colocação de estagiários atinge normalmente os 100 %, o que particularmente se realça com aplauso);
  - (b) saber que, amiúde, os estudantes podem participar em campanhas arqueológicas da responsabilidade dos docentes;
  - (c) verificar o interesse que detém, no âmbito da internacionalização da Universidade, a existência de um FORUM UNESCO nela sediado, que poderá potenciar a intensificação dos protocolos já existentes e/ou a celebração de outros.

Foi evidente o dinamismo da Instituição em todos os seus aspectos:

- o espírito de entrega dos docentes e dos funcionários;
- o contentamento dos estudantes (iniciativas como a Rádio própria são catalizadoras);
- a criação e remodelação de cursos.

Os aspectos negativos que encontrámos derivam, afinal, de uma política governativa que ostenta, em relação às U's privadas, características que, no mínimo, se poderão classificar de ambíguas ou de «dois pesos, duas medidas» – para si e para os outros. Na Universidade estatal, por exemplo, quem não fizer o doutoramento dentro dos prazos legais arisca-se a ser despedido; na privada, não há despedimento possível senão com justa causa, e nessas «justas causas» não está incluída a não-realização do doutoramento... Poderá perguntar-se o que está por trás de uma tal política...

3. **O currículo** – Similarmente às restantes U's do Sector Privado e Cooperativo que o ministram, o currículo de *História* da U. Lusíada apresenta como que vários *estratos*, em função das circunstâncias da sua criação e evolução. Se, até por

*vizinhança cronológica*, há uma marca clara do currículo de *História* previsto pela *reforma Sottomayor Cardia* (RSC) das FFL (Decreto 53/78, de 31 de Maio), também há marcas de reformas curriculares dos anos 50 e 60, para lá de especificidades da própria Instituição. Mas será que todos os *ingredientes* jogam da forma ideal?

- a) É sabido que a RSC assentava, para os anos curriculares 2.º a 4.º (épocas medieval, moderna e contemporânea), na tripartição da História Geral (enfoques *Económico e Social*, *Institucional e Político* e *Cultural e Mental*) e na unidade da História Nacional. Se observarmos o currículo do 4.º ano, quer do Ramo Científico, quer do Ramo Educacional<sup>1</sup>, é com isso mesmo que deparamos, ainda que falte aqui uma disciplina como *Teoria da História e do Conhecimento Histórico*, espaço didáctico de nenhum modo preenchido pela *Teoria e Metodologia da História* existente no 1.º ano<sup>2</sup>.
- b) Recuemos, entretanto, para os anos curriculares precedentes. No 3.º ano, a tripartição ainda se mantém, mas de modo a compensar as insuficiências do 2.º (*História Geral Moderna + História Económica e Social Medieval e Moderna + História Cultural e das Mentalidades Medieval e Moderna*), onde, em contrapartida, apenas deparamos com uma *História Medieval Geral* e uma *História Medieval de Portugal*. Podem dizer-nos que é *funcional*; mas não é *lógico* na estruturação de um currículo.
- c) Em vários pontos da organização curricular deparamos com unidades didácticas, por assim dizer, duplas, i. e., misturando matérias que idealmente estariam em unidades distintas, ou pela partição em duas semestrais ou, eventualmente, em duas anuais com apenas 2 h. de carga horária semanal. Exemplos:
  - I. *Antropossociologia*: se é louvável a introdução destas áreas do saber numa licenciatura em *História* (tal como, *mutatis mutandis*, *Geografia Humana*), já o seu conglomerar numa mesma unidade didáctica se afigura discutível.
  - II. *Biblioteconomia e Arquivologia*, outro acentuado 'hibridismo', nem sequer atenuado pelo facto de se tratar de *seminário* terminal.
  - III. *Teoria e Metodologia da História*, cuja síntese programática<sup>3</sup> é suficiente para se concluir pelo não-desempenho nem da função propedêutica de uma *Teoria das Fontes* ou de uma estrita *Metodologia do Trabalho em História*, nem da função reflexiva final de uma *Teoria da História e do Conhecimento Histórico*.
- d) Outras disciplinas há que liminarmente são merecedoras de algum comentário. Exemplos:
  - I. *Arqueologia*: Uma disciplina com esta designação foi introduzida *ab initio* (1911) nos 4.ºs Grupos

---

<sup>1</sup> Pp. 16 e 18.

<sup>2</sup> P. 15.

<sup>3</sup> P. 19.

das FFLL<sup>4</sup>, assim se mantendo até à década de 70 do século XX. Desde então tendeu a autonomizar-se, quer sob a forma de pré-especialização (4.º e 5.º anos, 1974-1978), quer sob a forma de variante (1981 ss.), quer, no caso da UP e desde 1999, como licenciatura independente, no quadro do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FL. A síntese programática desta disciplina (uma das sínteses mais conseguidas da Tabela 6)<sup>5</sup> aponta para um universo de preocupações teóricas e metodológicas que bem tornariam aconselhável uma designação do tipo *Conceitos, Técnicas e Métodos em Arqueologia*, ou idêntica. É de notar, por outro lado, o carácter opcional desta cadeira, contrariamente a outras que talvez bem mais o justificassem<sup>6</sup>.

- II. *História do Cristianismo*: Disciplina introduzida na licenciatura em *História* pela reforma de Outubro de 1957<sup>7</sup>, desde a década de 1970, que foi sendo substituída por unidades didácticas outras, tais como *História Comparada das Religiões*<sup>8</sup>, *História da Igreja* ou *História da Igreja em Portugal*. A ausência da ficha desta disciplina na Tabela 6 não permite minimamente avaliar dos méritos da respectiva leccionação; mas, independente deles, afigura-se preferível o seguimento de um dos caminhos alternativos supra enunciados.
- III. *Cultura Portuguesa* (semestral): As *Histórias da Cultura* existem nos currículos das FFLL desde 1957<sup>9</sup>, mas sempre tiveram duração anual; desde os anos 70 que, não raro, a *História Cultural Portuguesa* conheceu desdobramentos em função de épocas. Onde nos leva uma *Cultura Portuguesa* semestral, comum a múltiplas licenciaturas? A síntese programática<sup>10</sup> enuncia temas como «O apego à terra», «O apelo do mar», «A alma, o sonho e a acção» ou «A memória e a vontade»; ou seja, a opção pelo reflectir sobre a *Identidade Nacional*, segundo parâmetros que não serão por certo os mais comuns entre a comunidade dos historiadores nem, por maioria de razão, os ideais para escolares do ofício de Clio.

- e) Finalmente, diversas outras unidades didácticas, configurando-se como *obrigatórias*, estão *ipso facto* a constituir obstáculo à plena aplicação da RSC aos 2.º e 3.º anos. Porque não opcionalizá-las? É o caso de:

---

<sup>4</sup> Na FL/UL funcionou pela primeira vez em 1914/15, com regência de José Leite de Vasconcelos (cf. A. H. de Oliveira MARQUES, «Notícia Histórica da Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1961)», in IDEM, *Ensaio de Historiografia Portuguesa*, Lisboa, Palas, 1988, p. 183).

<sup>5</sup> P. 29.

<sup>6</sup> V. *infra*, 1., e).

<sup>7</sup> Decreto 41.341, de 30 de Outubro (Ministro Francisco de Paula Leite Pinto).

<sup>8</sup> Que, aliás, já existira na 1ª metade do séc. XX (1911-1930); cf. A. H. de Oliveira MARQUES, «Op.cit.», p. 186.

<sup>9</sup> V. *supra*, nota 7.

<sup>10</sup> P. 56

- I. *Epigrafia;*
- II. *Numismática;*
- III. *História da Música.*

**f) Comentários finais a 3.:** As críticas patentes nas al.s. a) a e) do presente ponto são atenuandas pelas seguintes razões:

- I. Durante a visita institucional, foi-nos facultada documentação relativa a um projecto de reforma curricular (proposta saída da Universidade em 1997/09/11 <sup>(1)</sup><sup>11</sup> e documento remetido pelo Ministério da Educação como projecto de documento i resolve ou atenua diversos aspectos, objecto de crítica no presente *Relatório*; o documento ij é de alcance mais limitado relativamente à estrutura curricular em vigor no ano lectivo de 1999/2000. Fica assim patente que, tendo a U. Lusíada em vigor no ano lectivo objecto de análise um currículo passível de algumas críticas, tem, no entanto, pendente, desde 1997, uma proposta claramente melhorante do dito currículo; embora, pelo que se pode antever, venha porventura a prevalecer um currículo *meio-termo*...
- II. No fundo, os problemas curriculares detectados prendem-se com o facto de a Universidade não gozar de Autonomia Científica, o que determina constrangimentos a todos os níveis, visíveis desde logo na tramitação para um novo currículo, onde a Tutela introduziu alterações<sup>12</sup> sem que, aparentemente, se tenha fomentado um salutar diálogo... Que sucedeu?

<sup>11</sup> Estrutura curricular prevista (NB: Disciplinas anuais, 4 h./semana):

<b>1.º ano</b>	<b>2.º ano</b>
Teoria e Metodologia da História	História Medieval de Portugal
Pré-História	Hist. Institucional e Política Medieval
Civilizações Pré-Clássicas	Hist. Económica e Social Medieval
Civilizações Clássicas	Hist. Cultura e Mentalidades Medieval
<b>3.º ano</b>	<b>4.º ano</b>
História Moderna de Portugal	História Contemporânea de Portugal
Hist. Institucional e Política Moderna	Hist. Institucional e Política Contemporânea
Hist. Económica e Social Moderna	Hist. Económica e Social Contemporânea
Hist. Cultura e Mentalidades Moderna	Hist. Cultura e Mentalidades Contemporânea

**Opções  
(8 em 16):**

Introdução à Arqueologia   Introdução à História Geral da Arte   Introdução ao Património Cultural  
 Paleografia   Hist. do Cristianismo   Hist. dos Descobrimentos   Hist. de Lisboa  
 Cultura Portuguesa   Portugal no Mundo   Antropologia Histórica   Hist. da População  
 Hist. da Cultura Musical   Hist. da Ciência e da Tecnologia   Hist. da Mulher  
 Hist. do Presente   Tradição e Revolução

<sup>12</sup> Inclusive no formato, já que a leccionação por aulas de apenas 1 h. foi unanimemente considerada inoportuna.

- III. Reconhece-se, por isso, a necessidade de lograr um diálogo mais aberto com a Tutela, a fim de mais celeremente viabilizar currículos mais consentâneos com as alterações de estados de conhecimentos e com as necessidades da sociedade em que nos inserimos, como a crescente importância do «aprender a aprender» e da formação contínua, pelo que um reforço e modernização das cadeiras de índole teórico-metodológica se afigura aconselhável: o que é, afinal, a História, como se faz, para que serve?... portaria (ij)<sup>13</sup>). O

#### 4. O Corpo Docente – 32 elementos

##### a) Graus e títulos académicos:

• Agregados:	01	(03,12 %)
• Doutores:	09	(28,12 %)
• Mestres:	09	(28,12 %)
• Licenciados:	13	(40,62 %)

##### b) Categorias docentes

• Catedráticos:	06 <sup>14</sup>	(18,75 %)
• Associados:	02 <sup>15</sup>	(06,25 %)

---

<sup>13</sup> Estrutura curricular prevista [NB: (a) = disciplinas anuais; (s) = disciplinas semestrais]:

1.º ano	2.º ano
Teoria e Metodologia da História (a)	História Medieval de Portugal (a)
Pré-História (a)	Hist. Institucional e Política Medieval (a)
Civilizações Pré-Clássicas (a)	Hist. Económica e Social Medieval (a)
Civilizações Clássicas (a)	Hist. Cultura e Mentalidades Medieval (a)
Arqueologia (s)	Hist. da Arte Medieval (s)
Hist. da Arte Clássica (s)	Paleografia (s)
Demografia (s)	Epigrafia (s)
Antropologia (s)	Numismática (s)
3.º ano	4.º ano
História Moderna de Portugal (a)	História Contemporânea de Portugal (a)
Hist. Institucional e Política Moderna (a)	Hist. Institucional e Política Contemporânea (a)
Hist. Económica e Social Moderna (a)	Hist. Económica e Social Contemporânea (a)
Hist. Cultura e Mentalidades Moderna (a)	Hist. Cultura e Mentalidades Contemporânea (a)
Hist. Descobrimentos e Expansão Portuguesa (s)	Hist. da Arte Contemporânea (s)
Hist. da Arte Moderna (s)	Biblioteconomia e Arquivologia (s)
Cultura Portuguesa (s)	
Hist. de Lisboa (s)	

<sup>14</sup> Incluindo um agregado, 4 doutores e 1 convidado, com o grau de lic.º.

<sup>15</sup> Com o grau de doutor.

• Auxiliares:	01 <sup>16</sup>	(03,12 %)
• Auxiliares convidados:	09 <sup>17</sup>	(28,12 %)
• Assistentes com regência:	11 <sup>18</sup>	(34,37 %)
• Assistentes estagiários:	03 <sup>19</sup>	(09,37 %)

### c) Níveis etários

• 21/30	02	(06,25 %)
• 31/40	13	(40,62 %)
• 41/50	07	(21,87 %)
• 51/60	06	(18,75 %)
• 61/70	01	(03,12 %)
• 71/80	01	(03,12 %)
• > 80	01	(03,12 %)
• S / i.	01	(03,12 %)

### d) Algumas notas às quantificações patentes de a) a c):

- I. Um número ainda elevado (representando 40 %) de docentes simplesmente lic.ºs.
- II. Uma grande profusão de habilitações nas mesmas categorias docentes, mormente entre os professores auxiliares, os professores auxiliares convidados, os assistentes com regência e, em menor grau, os professores catedráticos.
- III. Uma relativa juventude do Corpo Docente (situação quase única nos Departamentos de *História*), com o *maximum* na casa dos 30, um baixo montante de docentes com mais de 60 anos e, qual índice de renovação, 2 docentes com menos de 30. A média etária é de 42,87 anos.

---

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> 3 dos quais lic.ºs, 4 mestres e 2 doutores.

<sup>18</sup> 5 dos quais mestres, 6 lic.ºs.

<sup>19</sup> Todos lic.ºs.

e) **Comentários finais a 4.:**

- I. É muito de louvar a juventude do Corpo Docente; como é de louvar a criação de um vínculo contratual de trabalho, gerador de alguma segurança (que nas U's estatais só começa na nomeação definitiva como professor auxiliar ou no acesso à categoria de professor associado); mas o certo é que circunstancialismos próprios - como o «ganhar à hora» - criam constrangimentos a nível de trabalho científico e de progressão na carreira, ao nível de uma - quanto a nós, desejável - aproximação entre títulos académicos e categorias docentes. E decerto pensaremos em encarar, de futuro, a viabilização de uma mais rápida progressão na carreira, louvando-se, porém, desde já, a criação de cursos de doutoramento.
- II. Ver-se-ia também com bons olhos a perspectiva de existirem professores associados que, por concurso, houvessem acedido a essa categoria; a possibilidade de obtenção do título de *agregado* afigura-se também uma hipótese a não desprezar, a par da formação para novas áreas de pesquisa, mediante o recrutamento de docentes ou reorientação dos actuais.
- III. Ou seja, parece-nos de sugerir uma motivante reflexão sobre os sistemas remuneratórios nas suas implicações sobre a carreira, tanto mais que seria algo capaz de motivar uma participação mais intensa dos docentes em projectos de investigação, com resultados publicáveis, v. g., na revista *Lusíada* (iniciativa, aliás, a merecer encómio) ou noutras revistas da especialidade - com a contrapartida de uma ainda maior visibilidade para a Instituição.

**5. A docência**

- a) **As fichas de disciplina (I)** - Heterogeneamente preenchidas, casos há de muito sumária indicação dos conteúdos programáticos e/ou de 'críptica' indicação da *Bibliografia*. Como casos mais significativos - e para além da ausência de disciplinas (v.g. *História do Cristianismo*, *História da Música*) - apontem-se:

- I. *Teoria e Metodologia da História;*
- II. *História Económica e Social Moderna;*
- III. *Biblioteconomia e Arquivologia;*
- IV. *Iniciação à Pesquisa.*



b) **As fichas de disciplina (II)** – Casos há também de disciplinas com programa (tanto quanto o resumo permite depreender) manifestamente desajustado, deficiente ou desactualizado, v. g.

- I. *História Medieval Geral*;
- II. *História Económica e Social Medieval e Moderna*;
- III. *Cultura Portuguesa*.

c) **As fichas de docente** – O seu preenchimento também não prima pela homogeneidade de critérios. O facto é que há 14 docentes (43,75 % do total) que deixam na sombra a sua produção bibliográfica, ou a mencionam de forma 'críptica' ou são ambíguos no esclarecer da relação investigação/ docência.

**6. O Corpo Docente** – Auscultámos a Comissão Provisória de Gestão que preside à organização estudantil da Universidade Lusíada, em funções até ao acto eleitoral previsto para o mês de Maio.

Foi-nos evidente, de novo, o orgulho em pertencer à Universidade Lusíada (e sublinhou-se, mais uma vez, o papel da Rádio nesse criar de comunidade). Acentuaram também os estudantes o bom relacionamento com o Corpo Docente e com a Administração, designadamente no que toca a elaboração dos horários e do calendário escolar, *inclusive* no regime pós-laboral.

Referiram-se as boas condições de trabalho e a eficácia das estruturas de apoio: cantinas, serviços médicos, bibliotecas, mediateca, equipamento informático...

Os estudantes de *História* acorreram em grande número (cerca de 60 %) e teceram adequadas reflexões acerca da falta de autonomia da Universidade; da inexistência de disciplinas de iniciação à investigação, de variantes à licenciatura ou de cursos de mestrado, bem como da insuficiência das cadeiras de *Opção*; do insuficiente peso da *Paleografia*; da fraca interligação do curso com trabalhos de campo, inexistente no que se refere ao Património (aspecto que será mui provavelmente colmatado com o projecto de licenciatura em *Ciências do Património*, cujo arranque se prevê para 2001/2002).

**7. A fechar:**

*«Antes de entrar pela porta envidraçada, pode o docente, o funcionário, o estudante mergulhar, por repousados instantes, a recobrar forças, no acolhedor recanto azulejado da capela – em oração.*

*Mas, por mais que o acesse, sempre achará noutro jardim interior motivos para detenções outras a requerer belezas reais ou imaginadas. Num voto, um dia, à Ninfa do Lago, lançar-lhe-á moeda votiva. Noutro momento, raro momento e fugaz, achará que, em vez de a abraçar suave, dependurada da grande palmeira-mãe, outrem lhe apeteceria pendurar ali, qual pelourinho.*

*Normalmente, outrem de fora, claro, que lhe importava trazer acorrentado (está na moda !) por ruas e por vielas, para que visse aqui, de olhos na consciência, que outra é, baloiçando, a noção do tempo que se tem.*

*Na entrada principal, se alinham, azuis e calmos, os meses do ano – no mistério soturno de ministeriais gavetas se guardam papéis urgentes. Um cronológico contraste.*

*Mesmo com cenas de crucifixão, é agradável estar na capela. Votamos, no final destas jornadas, que as preces – ciciadas ou em brado – abram – com outro tempo – gavetas emperradas» (J. d'E., 2001/04/27).*

Cascais/Coimbra/Lisboa/Porto, 04 de Junho de 2001

A Subcomissão da CAE das licenciaturas em *História*:

José d'Encarnação  
(U. Coimbra, Presidente)

José Maria Amado Mendes  
(U. Coimbra, Vogal)

Armando Luís de Carvalho Homem  
(U. Porto, Vogal-Relator)

Pedro Sampaio  
(U. Porto, Secretário)